

## História Comparada: por que usar e como usar

---

*Raquel Anne Lima de Assis<sup>i</sup>*

**Resumo:** O objetivo desse texto é analisar alguns aspectos sobre a História Comparada, tida como um campo metodológico específico. Através de uma revisão de literatura apontaremos como alguns autores pensaram a abordagem da História Comparada observando os seguintes pontos: quais os objetivos; como surgiu; o que a diferencia de outros campos e quais suas principais contribuições para o trabalho historiográfico. Complementando tal análise observaremos também quais cuidados devemos tomar ao aplicar o método comparativo para evitarmos interpretações errôneas. Além de compreendermos como pode ser usada metodologicamente e qual a sua importância para a historiografia. Assim, esse texto se apresenta como uma análise introdutória para aqueles que pretendem adentrar na abordagem da História Comparada.

**Palavras-chaves:** História Comparada; Metodologia; Historiografia.

### **Comparative History: Why Use and How to Use**

**Abstract:** This text presents in an introductory form some aspects of the historiographic approach of Comparative History. Through the ideas of some of the main authors on the subject we will try to understand some points of this specific methodology. Are they: what are the objectives; how it came about; which differentiates it from other fields; what are its main contributions to historiographical work; and what risks and dangers we should be careful to apply. In this way we can see how Comparative History can be used methodologically and what its importance for historiography.

**Keywords:** Comparative History; Methodology; Historiography.

Artigo recebido em 15/09/2018 e aceito em 04/10/2018.

## HISTÓRIA COMPARADA: POR QUE USAR E COMO USAR

RAQUEL ANNE LIMA DE ASSIS

Este texto tem como objetivo apresentar alguns aspectos referentes à História Comparada no que se tratam suas vantagens, riscos e aplicações. Segundo José de Assunção Barros, este é um campo que vem ganhando uma ampliação nas discussões teóricas e metodológicas, mas que ainda possui poucos trabalhos em sua prática comparados a outros campos historiográficos<sup>ii</sup>. Para este autor o motivo disso é que a globalização aponta uma necessidade para debates além das fronteiras nacionais, contudo, os historiadores estão acomodados em suas especificidades fazendo com que uma minoria adote a comparação.

Um exemplo é o lento surgimento da comparação na França, conforme nos afirma Heinz-Gerhard Haupt. Este autor nos mostra que devido às pesquisas neste país se voltarem para o regionalismo e a crença no mito fundador da Revolução Francesa, a História Comparada é uma exceção entre os franceses<sup>iii</sup>. Claro que não é totalmente abandonada, mas é uma minoria que a adota e de forma mais implícita que explícita.

Contudo, podemos citar alguns autores que contribuíram para a solidificação da História Comparada na historiografia. Um deles, que apesar de sociólogo fez um trabalho com conteúdo histórico, foi Max Weber em *A cidade* (1921). Weber fez uma comparação entre sociedades afastadas no tempo para estudar o fenômeno urbano. Assim, o autor desenvolve uma comparação entre a cidade antiga, a cidade medieval e a cidade contemporânea através da construção de “tipos ideais” de cidades.

Apesar do trabalho de Weber e outros que utilizaram do comparativismo, foi com Marc Bloch que a História Comparada ganhou um caráter sistematizado com a obra *Os reis taumaturgos* (1924) e, posteriormente, um artigo intitulado *Por uma história comparada das sociedades europeias* (1928). No primeiro trabalho Bloch fez uma comparação entre duas sociedades medievais, a francesa e a inglesa, para estudar o imaginário em ambas da crença do poder real em curar doenças com o simples toque. Já o segundo, o artigo, foi resultado de sua conferência no VI Congresso Internacional de Ciências Históricas de Oslo, no qual o historiador apresenta e desenvolve marcos teórico-metodológicos para o uso da comparação na história. Suas ideias são utilizadas ainda hoje nas pesquisas deste campo historiográfico.

Já no Brasil temos Francisco Carlos Teixeira da Silva no artigo *Por uma história comparada das ditaduras*, fazendo um trabalho de História Política através da comparação. O autor primeiramente apresenta as dificuldades de empreender estudos com temáticas políticas durante a Ditadura Militar (1964-1985). Em seguida, alerta para o cuidado ao empregarmos os conceitos de autoritarismo, totalitarismo e ditadura, pois há diferenças em seus significados. Como também analisa a participação da população e dos meios de comunicação para a manutenção das ditaduras.

Desta forma, conhecemos algumas das contribuições para a solidificação da História Comparada. Mas afinal, o que é História Comparada? É um campo metodológico que vai além de um ato espontâneo e cotidiano de comparar. É um método sistematizado que perpassa por todo o trabalho. Segundo Marc Bloch, trata-se da busca por semelhanças e diferenças entre dois ou mais grupos sociais distintos e com naturezas análogas para explicar certos fenômenos<sup>iv</sup>. Entre esses campos de observação deve perpassar um problema em comum, ou seja, levantar os mesmos questionamentos ou problemas para cada objeto comparado.

Bloch também dividiu este trabalho em dois tipos. O primeiro é a comparação entre sociedades afastadas no tempo e no espaço em que não é possível encontrar influências mútuas. Podemos citar como exemplo a obra de Robert Darnton, *Censores em Ação*, no qual o autor trabalha a problemática da censura na França do Antigo Regime, na Índia Britânica do século XIX e na Alemanha Oriental do século XX, ou seja, locais distantes e em diferentes épocas. Apontando as diferenças Darnton analisa como era o trabalho dos censores em cada contexto e qual entendimento tinham sobre essas atividades que estavam realizando. O segundo tipo, preferível por Bloch por ser mais seguro, é a comparação entre sociedades

## HISTÓRIA COMPARADA: POR QUE USAR E COMO USAR

RAQUEL ANNE LIMA DE ASSIS

próximas no tempo e no espaço. Neste caso é possível encontrar influências mútuas e até parcialmente uma origem em comum<sup>v</sup>.

Essas ideias de Marc Bloch sobre a História Comparada surgiram como uma necessidade pós-Primeira Guerra Mundial diante dos traumas causados pelo conflito. A historiografia tradicional do século XIX era voltada para o individualismo factual e nacional. Estes estudos contribuíram para fortalecer o nacionalismo que levou a deflagração da guerra, criando um mal-estar entre os historiadores. Em resposta surgiu o comparativismo que, conforme Regina Bustamante e Neyde Theml, tinha o objetivo de ultrapassar fronteiras nacionais em seus estudos<sup>vi</sup>.

Sendo assim, a História Comparada nasceu para combater os maus usos do passado no presente. Segundo Eric Hobsbawm, quando as sociedades estão insatisfeitas com sua realidade procuram modelos a serem seguidos, junto de uma intolerância ao colocar a culpa de seus problemas no outro diferente<sup>vii</sup>. Assim, buscam no passado esse padrão para transformar seu presente em uma tentativa, improvável, de retorno ou ressurreição. Improvável porque as circunstâncias já são diferentes, logo, não será igual ao que já foi no passado. Mesmo quando se tem uma chave do fenômeno e tenta-se prever o futuro devido às generalizações que a história faz, isso se faz com suas dessemelhanças. Em outras palavras, com a comparação podemos encontrar condições gerais que possibilitam prever o futuro dentro de um limite de opções variadas prováveis ou possibilidades, mas que não trata-se de clarividência, isto é, não é uma previsão precisa por estar sujeita as diversas circunstâncias transformadoras e imprevisíveis e especificidades de cada contexto.

Conforme Carlo Ginzburg, a história não é uma ciência galileana baseada em métodos matemáticos com suas leis gerais<sup>viii</sup>. Ela procura individualidades através de indícios, pistas, detalhes aparentemente negligenciados que não podem ser observados nas análises de estruturas. Essas especificidades também podem ser encontradas por meio da comparação ao identificarmos o que está ausente, isto é, só podemos saber o que é único em uma realidade ao compararmos com outras e assim observamos o que está faltando nas demais. Quando se tenta colocar a história como uma ciência dura de verdade única, ela pode ter um uso inadequado diante desses objetivos ideológicos que alimentam a intolerância por encarar a realidade como dentro de uma estrutura pré-estabelecida e com um futuro já definido. Isso gera até a distorção dos fatos passados para promover nacionalismos. Diante deste cenário surge a responsabilidade social do historiador para evitar que essas interpretações errôneas, com objetivos políticos e ideológicos, sejam praticadas, pois elas podem gerar consequências reais.

Isso demonstra como ideologias podem ser colocadas nas relações de poder. Por isso, a importância do historiador para evitar que teorias sejam concebidas como ideias auto reprodutoras mascaradas de um teor científico para fins políticos, como ocorreu com a URSS (ou Alemanha nazista ou Itália fascista). Mas isso não elimina o uso de conceitos em favor de uma história positivista. O que estes autores estão defendendo é o uso do empirismo ao lado da teoria, não é uma submissão total desta e nem o uso daquele apenas. Conforme Paul Veyne, a teoria é o que nos ajuda a formular questões e explicações<sup>ix</sup>.

Ainda segundo o autor, o historiador utiliza-se de conceitos para analisar os fenômenos, mas procurando as individualidades. Trata-se de realizar um inventário das diferenças, isto é, colocar cada fato como único, mesmo que utilizando dos mesmos conceitos e que sejam quase idênticos. Isso que diferencia o trabalho do historiador do sociólogo, pois esse utiliza dos acontecimentos para ilustrar ou exemplificar sua explicação teórica. Enquanto que o historiador, mesmo utilizando da mesma explicação teórica, tem como objetivo final analisar o fato em si, fazendo um recenseamento de cada um.

Porém, Veyne critica o uso da História Comparada ao afirmar que toda histórica compara. Para ele essa identificação de individualidades e diferenças não é uma História

## HISTÓRIA COMPARADA: POR QUE USAR E COMO USAR

RAQUEL ANNE LIMA DE ASSIS

Comparada como metodologia ou como um campo da história específico<sup>x</sup>. Ele não enxergou o que autores como José Barros d'Assunção perceberam que o método defendido por Bloch é sistematizado. Por isso, há uma diferença entre História Comparada e comparativismo histórico que é um ato espontâneo presente no cotidiano e em qualquer trabalho historiográfico ao nos depararmos com situações novas. Enquanto que a História Comparada delimita dois ou mais campos de observação e analisa suas fontes a partir desta comparação de forma sistemática, ou seja, a escolha dos objetos e sua forma de análise são específicas. O que comparar e como comparar, segundo Assunção, tornam-se questões essenciais<sup>xi</sup>.

Especificidade essa que possui uma responsabilidade social por tentar eliminar as hierarquias entre sociedades, as quais utilizam de ideologias para justificar sua dominação e repressão contra outros povos. Esse debate ganhou ainda mais força com a crise de 1989 diante da queda do muro de Berlim, vitória do capitalismo liberal e surgimento de uma nova ordem mundial. Esses acontecimentos marcaram o fim da URSS, surgindo críticas aos estudos marxistas ou qualquer pensamento de mudança substancial na sociedade, tendo o materialismo histórico que rever seus erros e se renovar.

Esse cenário criou uma crise da história, tendo alguns autores, como Fukuyama, até defendendo seu fim por acreditarem que não haveria mais conflitos devido à humanidade ter chegado ao seu último estágio evolutivo de uma sociedade de mercado. Mas, os conflitos não acabaram e a história não teve seu fim, mostrando, inclusive, sua necessidade contra novas práticas nacionalistas, intolerantes e xenófobas. Ainda mais em um leste europeu que buscava no ocidente um modelo para superar suas insatisfações ou as potências ocidentais que procuravam um novo inimigo para justificar suas alianças e seus conflitos. Ou ainda os pós-modernos que afirmam que os fatos são construções intelectuais, mas podemos refutar tal ideia com a comparação ao observarmos os efeitos de um mesmo fenômeno em realidades distintas, evidenciando a existência de fatos concretos.

Por isso, os autores aqui citados marcaram essa renovação da historiografia contemporânea ao criticar certos erros cometidos pelos historiadores, dentre eles os marxistas, mesmo que alguns destes sejam também marxistas, como Hobsbawm ou ainda Edward Thompson<sup>xii</sup>. Como podemos observar, essa nova forma defendida por eles pode ser alcançada através do uso da História Comparada, cujo surgimento com Marc Bloch foi também devido à defesa dessa nova história diante dos perigos causados pelo seu mau uso no presente. Em outras palavras, esses autores ao criticarem formulações idealistas e auto-realizadoras estão fazendo o que o método comparado também faz ao procurar falsas origens locais e desnaturalizar o que está pré-estabelecido. Portanto, a História Comparada permite pensarmos os limites e desafios da prática historiográfica.

Contudo, ainda não há uma quantidade significativa de trabalhos de História Comparada, apesar do considerável aumento de discussões teórico-metodológicas sobre o assunto. Essa deficiência se dá porque esse tipo prática requer uma erudição maior do historiador que necessita lidar com dois ou mais campos de análises, por exemplo, ao comparar a propaganda política do Estado Novo no Brasil e do Peronismo na Argentina não é uma tarefa fácil, pois temos que lidar com duas realidades, dominar suas fontes e bibliografias. Enquanto que a maioria dos historiadores estão acomodados na especialização espacial e temporal de um único objeto de estudo. Entretanto, o aumento do interesse em discussões sobre o assunto ocorre devido ao processo de globalização que permite que povos e nações mantenham contatos mais estreitos independente das distâncias. Evidenciando, assim, que a História Comparada é uma ferramenta útil para entender as relações entre diferentes contextos, observando suas semelhanças e diferenças e eliminando suas hierarquias.

# HISTÓRIA COMPARADA: POR QUE USAR E COMO USAR

## RAQUEL ANNE LIMA DE ASSIS

Desde o seu surgimento a História Comparada vem apresentando diversas vantagens. Jürgen Kocka afirma que há quatro procedimentos resultantes da aplicação desta metodologia<sup>xiii</sup>. São elas: a heurística, nos possibilita identificar o que normalmente passaria despercebido ou negligenciado, isto é, nos ajuda a encontrar o que não foi dito; a descritiva, trata-se de observarmos as singularidades dos objetos estudados; a analítica, nos capacita a testar hipóteses e encontrar ou refutar causas; e o pragmatismo, nos faz ampliarmos nosso campo de observação ao sairmos do que nos é “familiar”.

Marc Bloch também elenca alguns procedimentos adquiridos pela História graças ao método comparativo<sup>xiv</sup>. O primeiro é ao encontrarmos influências mútuas entre as sociedades analisadas. O segundo é identificarmos relações entre os grupos sociais no passado, mas que no presente não possuem. O terceiro é percebermos a presença de fenômenos no passado entre duas sociedades, gerando fortes efeitos, mas que em umas delas não foi bem documentado. Ou seja, podemos encontrar o que não foi registrado. Quarto, a comparação nos fornece também individualidades ou especificidades dos objetos estudados. Porém, devemos ter cuidado que algumas semelhanças não significam relações.

Outra vantagem é apontada por Ciro Flamarion Cardoso. Para este historiador a comparação torna a história mais científica e nos fornece uma alternativa, embora imperfeita, à impossibilidade de aplicarmos o método experimental<sup>xv</sup>. Seria devido à ausência de métodos experimentais nas ciências humanas e sociais, diferente do que ocorre em outras áreas. Segundo Heidi Rositha Krauss, a História Comparada também nos proporciona sairmos da “Torre de Marfim”, pois nos faz ampliarmos nosso campo de observação ao sairmos das especificidades de um objeto resultante de um trabalho monocentrado<sup>xvi</sup>.

Essa ampliação nos leva as ideias de Jörn Rüsen que defende o uso da História Comparada para nos auxiliar a evitar o etnocentrismo<sup>xvii</sup>. Segundo o autor as teorias ajudam a encontrar elementos a serem comparados entre as sociedades. Um exemplo é a consciência histórica. Este conceito é a forma como um povo encara seu passado, age no presente e até influência no futuro. Ou seja, a consciência histórica é um elemento cultural de um povo que pode ser comparado entre as diferentes sociedades. Seria a maneira como cada cultura percebe seu passado e sua memória e como estas influenciam o presente e até o futuro.

Um dos registros da consciência histórica é a historiografia. Esta é feita por profissionais e acadêmicos que empreendem pesquisas de acontecimentos do passado que fazem parte da memória. Mas a própria historiografia é um elemento cultural, isto é, é um elemento da sociedade, pois envolve relações de poder e é utilizada para legitimar interesses. Até mesmo os “silêncios” ou o que não é registrado pelos historiadores perpassam por estes interesses. Assim, Jürsen nos mostra que a comparação entre historiografias é estudar elementos culturais de diferentes realidades<sup>xviii</sup>. Este trabalho nos ajuda a evitar visões etnocêntricas porque estamos ampliando nosso olhar para além da sociedade ocidental.

### Riscos e perigos

Apesar destas vantagens elencadas, a comparação possui alguns riscos. Peter Burke aponta dois: o evolucionismo, quando adotamos uma escala evolutiva “do menos ao mais desenvolvido” através da comparação; e o etnocentrismo, que trata-se de eleger uma sociedade como padrão de comparação em relação as outras<sup>xix</sup>. Cardoso também elenca alguns perigos ao trabalharmos com a História Comparada. O anacronismo, mais comum em comparações entre objetos de observação afastados no tempo e no espaço, mas não significa que seja impossível empreender este tipo de comparação; justaposição, ao apenas descrevermos cada objeto sem apresentar suas relações, seria uma divisão em blocos; e ao encarmos a comparação como uma “receita” com as soluções para todos os problemas<sup>xx</sup>.

## HISTÓRIA COMPARADA: POR QUE USAR E COMO USAR

RAQUEL ANNE LIMA DE ASSIS

Além destes perigos há também críticas de outros campos historiográficos. Estes pertencem a História Relacional e tem como objetivo encontrar interações e influências entre os objetos estudados. Trata-se da História Cruzada, História Entrelaçada, História Interconectada e História Transnacional. Os historiadores destes campos afirmam que a História Comparada é analítica e mecânica demais e que falhou em seus propósitos de combater o etnocentrismo.

Todavia, Barros afirma que a História Comparada deu certo, sendo, inclusive, a pioneira na composição da História Relacional<sup>xxi</sup>. Ainda conforme este autor, todos estes campos relacionais, incluindo a História Comparada, possuem mais em comum que divergências. Kocka, assim como Barros, afirma que o estudo comparativo deve ser complementado com estas abordagens transnacionais e a História Cruzada<sup>xxii</sup> porque não é possível encontrar influências sem comparação. Unindo História Comparada com outras abordagens relacionais a disciplina se torna mais “rica”.

### Aplicação metodológica

E como devemos aplicar metodologicamente a História Comparada? Como fazer uma História Comparada? Esse trabalho vai além de um simples uso do comparativismo histórico, que pode ser utilizado em qualquer outro campo. É necessária uma sistematização em que a comparação atravesse todo o trabalho.

José D’Assunção Barros elenca alguns procedimentos metodológicos<sup>xxiii</sup>. Primeiro, a escolha de dois ou mais campos de observação. Segundo, a seleção de uma escala que pode ser civilizacional, nacional, regional, grupal, individual, etc. Terceiro, complementar a comparação com outras abordagens relacionais, como a História Cruzada, História Transnacional, História Entrelaçada e História Interconectada. Quarto, o uso intradisciplinar, ou seja, unir a História Comparada com outros campos historiográficos que será determinado pelo objeto e pode ser, por exemplo, História Política, História Cultural, História Social, entre outros. Quinto, utilizar de uma perspectiva: individualizadora, diferenciadora, universalizante ou globalizante.

Sobre este último procedimento, a perspectiva, vamos entender o que significa cada um. A individualizadora tem o objetivo de encontrar singularidades ao identificarmos as semelhanças e a partir disto as diferenças de cada objeto. A diferenciadora tem o mesmo objetivo de buscar especificidades, mas enquadrando os objetos em variáveis para chegar às individualidades. A universalizante possui uma meta generalizante ao observar as semelhanças. Por fim, a globalizante também possui propósitos generalizantes ao inserir os casos em um sistema que lhes dê sentido. Essas tipologias foram desenvolvidas por Charles Tilly.

Além destes procedimentos metodológicos, Barros afirma que a comparação também proporciona uma “iluminação recíproca”<sup>xxiv</sup>. Trata-se de trazer em relevo elementos dos campos analisados através da comparação de um com o outro. Desta forma, um objeto revela aspectos do outro comparado. Porém, antes de comparar, precisamos primeiro estudar o particular de cada objeto para depois compará-los. Desta forma, entendermos o que ocorreu em cada caso e quais fatores comuns e suas diferenças<sup>xxv</sup>.

Outra forma de trabalhar com a História Comparada é por meio do “Modelo Detienne”. Conforme Neyde Theml e Regina Bustamante, este método é uma pesquisa coletiva, sendo possível “comprar o incomparável”. Desta forma, seria possível comparar sociedades afastadas no tempo e no espaço com pesquisas realizadas por diversos pesquisadores. Para as autoras são “olhares plurais” devido à variedade de perspectivas e abordagens<sup>xxvi</sup>.

## HISTÓRIA COMPARADA: POR QUE USAR E COMO USAR

RAQUEL ANNE LIMA DE ASSIS

Neste modelo, primeiramente, cada pesquisador possui um projeto individual. Em seguida, se desenvolve um problema comum a todas estas pesquisas. Por fim, cria-se um campo experimental para debater os resultados de cada projeto. Como fruto há os “olhares plurais”, sem hierarquização dos casos analisados. Cada estudo pode desnaturalizar elementos dos outros.

Complementando a aplicabilidade da História Comparada é o uso de teorias. A História procura individualidades e fatos concretos, mas segundo Burke, as abordagens que generalizam e as que particularizam (teoria e história) se complementam<sup>xxvii</sup>. Outro autor que defende esta ideia é Paul Veyne e para este as teorias, tipos e conceitos são os resumos das tramas (fatos concretos). Mas, não devemos nos voltar para questões abstratas, e sim trabalhar o conceito a partir do caso analisado<sup>xxviii</sup>. Por exemplo, utilizar o conceito “guerra” para estudar “Segunda Guerra Mundial” e não estudar o conceito “guerra” *per si*. Claro que sempre tendo o cuidado para não cairmos no perigo do anacronismo.

Neste uso de abordagens teóricas há alguns métodos utilizados que diferenciam a História Comparada das Ciências Sociais. Conforme Heidi Krauss são: a busca por individualidades, diferenças ou singularidades<sup>xxix</sup>; recorte temporal, sendo o tempo o principal elemento da história; recorte espacial; análise do contexto histórico e uso intensivo de fontes. Em relação a este último deve haver uma análise aprofundada, por isso, alguns autores recomendam a escolha de dois ou três objetos de comparação. Isso devido à quantidade de informações e a complexidade do trabalho, logo, muitos objetos de comparação podem causar análises superficiais<sup>xxx</sup>.

### Considerações finais

Podemos concluir que a História Comparada é uma metodologia complexa por envolver dois ou mais campos de observação e por aplicar diversos procedimentos além do simples uso comparativismo histórico. Sendo este último aplicado de forma sistematizada por todo o trabalho há uma caracterização da História Comparada. Ela oferece muitas vantagens capazes de tornar o trabalho historiográfico mais preciso e rico para determinados objetivos a depender da pesquisa desenvolvida.

Todavia, ela apresenta alguns riscos, mas estes estão presentes também em outros campos historiográficos. A diferença é que na História Comparada eles ficam mais acentuados em determinados casos devido às especificidades das abordagens. Sendo que seus desafios devem ser superados e não utilizados como desculpa para abandoná-la. Portanto, este campo necessita de constantes críticas, atualizações e modernização para seu emprego tornar as pesquisas mais promissoras. O mesmo ocorre com outros campos historiográficos.

Mesmo com suas vantagens a História Comparada não é a forma mais eficiente entre as outras metodologias e nem é a única que deve ser empregadas para enriquecer o trabalho historiográfico. Outras metodologias também podem ser empregadas e são positivas, precisas e científicas tanto quanto a História Comparada. O uso deste campo vai depender da escolha do historiador, do objeto estudado e dos objetivos que se pretende atingir ao desenvolver a pesquisa.

# HISTÓRIA COMPARADA: POR QUE USAR E COMO USAR

## RAQUEL ANNE LIMA DE ASSIS

### Notas

- <sup>i</sup> Doutoranda em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC). Integrante do Grupo de Estudo do Tempo Presente (GET/UFS/CNPq). Email: raquel@getempo.org. **Orientador: Dr. Dilton Cândido S. Maynard (UFS/DHI).**
- <sup>ii</sup> BARROS, José D'Assunção. **História Comparada**. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 12-13.
- <sup>iii</sup> HAUPT, Heinz-Gerhard. O lento surgimento de uma História Comparada. In: BOUTIER, J.; JULIA, D. **Passados recompostos; campos e canteiros da História**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ / Editora FGV, 1998. p. 212.
- <sup>iv</sup> BLOCH, Marc. Por una historia comparada de las sociedades europeas. In: GODOY, Gigi; HOURCADE, Eduardo. **Marc Bloch: una historia viva**. Estudio preliminar y seleccion de textos. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1992, p. 64-65.
- <sup>v</sup> Ibidem, p. 65-66.
- <sup>vi</sup> THEML, N.; BUSTAMANTE, R. M. da C. História Comparada: olhares plurais. **Phoënix**, n. 10, 2004, p. 03.
- <sup>vii</sup> HOBSBAWM, Eric. **Sobre a História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 13-67
- <sup>viii</sup> GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: \_\_\_\_\_. **Mitos, Emblemas e Sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.
- <sup>ix</sup> VEYNE, Paul. **O inventário das diferenças**. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 13.
- <sup>x</sup> VEYNE, Paul. **O inventário das diferenças**. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 19.
- <sup>xi</sup> BARROS, José D'Assunção. **História Comparada**. Petrópolis: Vozes, 2014, p.15.
- <sup>xii</sup> Cf.: THOMPSON, Edward. **A miséria da teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- <sup>xiii</sup> KOCKA, Jürgen. Comparação e Além. **History and Theory**, n. 42, feb. 2003, p. 1-2. Tradução de Maria Elisa da Cunha Bustamante.
- <sup>xiv</sup> BLOCH, Marc. Por una historia comparada de las sociedades europeas. In: GODOY, Gigi; HOURCADE, Eduardo. **Marc Bloch: una historia viva**. Estudio preliminar y seleccion de textos. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1992, p. 63-98.
- <sup>xv</sup> CARDOSO, Ciro. Flamarion.; BRIGNOLI, Hector Pérez. O método comparativo na História. In: \_\_\_\_\_. **Os métodos da História**. Rio de Janeiro: Graal, 1983. p. 411.
- <sup>xvi</sup> KRAUSS, Heidi Rositha. "Despedida de la Torre de Marfil". **Historia Comparada: una introducción. Espacio, tiempo y forma. Serie III, Historia medieval**, n. 21, p. 164.
- <sup>xvii</sup> RÜSEN, Jörn. Historiografia comparativa intercultural. In: MALERBA, J. (org.) **A história escrita**. Teoria e história da historiografia. São Paulo: Contexto, 2006. p. 120-121.
- <sup>xviii</sup> Ibidem, p. 121-129.
- <sup>xix</sup> BURKE, Peter. Métodos e modelos: comparação. In: \_\_\_\_\_. **História e teoria social**. São Paulo: Editora UNESP, 2002. p. 48-49.
- <sup>xx</sup> CARDOSO, Ciro. Flamarion.; BRIGNOLI, Hector Pérez. O método comparativo na História. In: \_\_\_\_\_. **Os métodos da História**. Rio de Janeiro: Graal, 1983. p. 413-415.
- <sup>xxi</sup> BARROS, José D'Assunção. **História Comparada**. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 86 e 95.
- <sup>xxii</sup> KOCKA, Jürgen. Comparação e Além. **History and Theory**, n. 42, feb. 2003, p. 4. Tradução de Maria Elisa da Cunha Bustamante.
- <sup>xxiii</sup> BARROS, José D'Assunção. **História Comparada**. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 145-149.
- <sup>xxiv</sup> Ibidem, p. 17.
- <sup>xxv</sup> PONTE, Helder. A História Comparada. In: **Um Pouco de Historiografia**. Disponível em: <http://umpoucodehistoriografia.blogspot.com.br/2007/05/45-histria-comparada.html>. Último acesso: 17/06/2014 às 18:01, p. 01.
- <sup>xxvi</sup> THEML, N.; BUSTAMANTE, R. M. da C. História Comparada: olhares plurais. **Phoënix**, n. 10, 2004, p. 15-16.
- <sup>xxvii</sup> BURKE, Peter. Métodos e modelos: comparação. In: \_\_\_\_\_. **História e teoria social**. São Paulo: Editora UNESP, 2002. p. 44.
- <sup>xxviii</sup> VEYNE, Paul. Teorias, tipos, conceitos. In: \_\_\_\_\_. **Como se escreve a História; Foucault revoluciona a História**. Brasília: Editora UnB, 1982. p. 61-72.
- <sup>xxix</sup> Outra autora que diferencia a história das ciências sociais pelo o fato desta última buscar generalizações e construir análises a partir de modelos *a priori*, enquanto a primeira está volta para especificidades é Maria Ligia Coelho Prado. Cf.: PRADO, Maria Ligia Coelho. Repensando a História Comparada da América latina. In: **Revista de História** 153 (2º - 2005), p. 11-33.
- <sup>xxx</sup> KRAUSS, Heidi Rositha. "Despedida de la Torre de Marfil". **Historia Comparada: una introducción. Espacio, tiempo y forma. Serie III, Historia medieval**, n. 21, p. 177-179.

# HISTÓRIA COMPARADA: POR QUE USAR E COMO USAR

## RAQUEL ANNE LIMA DE ASSIS

---

### Referências bibliográficas

- BARROS, José D'Assunção. **História Comparada**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BLOCH, Marc. Por una historia comparada de las sociedades europeas. In: GODOY, Gigi; HOURCADE, Eduardo. **Marc Bloch: una historia viva**. Estudio preliminar y seleccion de textos. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1992, p. 63-98.
- BURKE, Peter. Métodos e modelos: comparação. In: \_\_\_\_\_. **História e teoria social**. São Paulo: Editora UNESP, 2002. p. 43-51.
- CARDOSO, Ciro. Flamarion.; BRIGNOLI, Hector Pérez. O método comparativo na História. In: \_\_\_\_\_. **Os métodos da História**. Rio de Janeiro: Graal, 1983. p. 409-419.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: \_\_\_\_\_. **Mitos, Emblemas e Sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.
- HAUPT, Heinz-Gerhard. O lento surgimento de uma História Comparada. In: BOUTIER, J.; JULIA, D. **Passados recompostos; campos e canteiros da História**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ / Editora FGV, 1998. p. 205-216.
- HOBSBAWM, Eric. **Sobre a História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- KOCKA, Jürgen. Comparação e Além. **History and Theory**, n. 42, feb. 2003. Tradução de Maria Elisa da Cunha Bustamante.
- KRAUSS, Heidi Rositha. "Despedida de la Torre de Marfil". *Historia Comparada: una introducción*. **Espacio, tiempo y forma. Serie III, Historia medieval**, n. 21, p. 159-183, 2008.
- PONTE, Helder. A História Comparada. In: **Um Pouco de Historiografia**. Disponível em: <http://umpoucodehistoriografia.blogspot.com.br/2007/05/45-histria-comparada.html>. Último acesso: 17/06/2014 às 18:01.
- PRADO, Maria Ligia Coelho. Repensando a História Comparada da América latina. In: **Revista de História** 153 (2º - 2005), p. 11-33.
- RÜSEN, Jörn. Historiografia comparativa intercultural. In: MALERBA, J. (org.) **A história escrita**. Teoria e história da historiografia. São Paulo: Contexto, 2006. p. 115-137.
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **Por uma história comparada das ditaduras**. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SCHURSTER, Karl. et al. (Org). *O Brasil e Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.
- THEML, N.; BUSTAMANTE, R. M. da C. História Comparada: olhares plurais. **Phônix**, n. 10, 2004, p. 9-30.
- THOMPSON, Edward. **A miséria da teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- VEYNE, Paul. **O inventário das diferenças**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

**HISTÓRIA COMPARADA: POR QUE USAR E COMO USAR**  
RAQUEL ANNE LIMA DE ASSIS

---

VEYNE, Paul. Teorias, tipos, conceitos. In: \_\_\_\_\_. **Como se escreve a História; Foucault revoluciona a História**. Brasília: Editora UnB, 1982. p. 61-72.